

DIÁLOGOS INSURGENTES DECOLONIAIS, FROTEIRIÇOS E AFROCENTRADOS

DIREITOS, SOCIEDADE
& EDUCAÇÃO

CLÁUDIA CRISTINA FERREIRA CARVALHO
ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA
(ORGANIZADORES)



Pontes



(ORGANIZADORES)



Cláudia Cristina Ferreira Carvalho

Nascida na cidade de Cuiabá, capital do Mato Grosso-Brasil. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso /UFMT, com estágio doutoral (sanduíche) junto ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/CES/Portugal. Mestrado em Educação- UFMT. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Grande Dourados/FAED/UFGD e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGANT/UFGD. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas: Muxirum Epistemológico. Atua nas áreas: Currículo, Didática e Formação de Professores; Violências, Direitos Humanos, Segurança Pública, Estudos étnico-raciais, (des)colonialidades, Epistemologias do Sul.



Esmael Alves de Oliveira

É graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Possui mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM) e doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado, com bolsa do CNPq (Processo: 177092/2023-8), junto ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fiocruz. É professor Adjunto na Universidade Federal da Grande Dourados, ministrando disciplinas nos cursos de Ciências Sociais e Psicologia, bem como nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) e em Antropologia (PPGAnt).

DIÁLOGOS INSURGENTES DECOLONIAIS, FROTEIRIÇOS E AFROCENTRADOS

DIREITOS, SOCIEDADE
& EDUCAÇÃO

CLÁUDIA CRISTINA FERREIRA CARVALHO
ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA
(ORGANIZADORES)



Copyright © 2025 - Dos organizadores representantes dos colaboradores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração: Eckel Wayne

Revisão: Luisana Gontijo

Capa: Acessa Design

Sobre a capa: Tela *Retratos da alma* – Autor: Henrique Silveira de Sousa

“O vestido está mal pintado? Não, ele representa o puido, gasto de tantas lutas!

Mas os olhos são muito grandes! Sim, são as janelas da alma que guardam todo o mal sofrido. E o turbante colorido remete às ideias da mente que jamais se submeterá.”

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

Conselho Editorial:

Angela B. Kleiman
(Unicamp – Campinas)
Clarissa Menezes Jordão
(UFPR – Curitiba)
Edleise Mendes
(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros
(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi
(Unicamp – Campinas)
Gláís Sales Cordeiro
(Université de Genève - Suisse)
José Carlos Paes de Almeida Filho
(UnB – Brasília)

Rogério Tilio
(UFRJ – Rio de Janeiro)
Suzete Silva
(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil - 2024

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Suely Aldir Messeder	

APRESENTAÇÃO: NOTAS INTRODUTÓRIAS	13
Cláudia Cristina Ferreira Carvalho / Esmael Alves de Oliveira	

PARTE I - DIREITOS

O RACISMO COMO TECNOLOGIA DAS ASSIMETRIAS ANTOLÓGICAS E EPISTÊMICAS	21
Cláudia Cristina Ferreira Carvalho / Carlos Jeovane Soares Lobo de Pina	

CUIDAR DA SAÚDE, CUIDAR DA VIDA: REFLEXÕES FEMINISTAS SOBRE A PANDEMIA.....	37
Teresa Cunha / Ada Cristina Pontes Aguiar	

HISTÓRIA DE MULHERES PROFESSORAS NEGRAS EM PELOTAS (RS): CONSCIÊNCIA E MILITÂNCIA POLÍTICA - UMA REVISÃO HISTÓRICA.....	67
Camilla Meneguel Arenhart / André Luis Pereira	

PARTE II - SOCIEDADE

VIDAS PRECÁRIAS DE TRAVESTIS NEGRAS PARA ALÉM DA PANDEMIA: (IM)POSSIBILIDADES EDUCATIVAS	103
Jessyka da Silva Rodrigues / Letícia Carolina Pereira do Nascimento / Rafael Martins de Meneses / Valdenia Pinto de Sampaio Araújo	

“PLANO DE SAÚDE DE POBRE É NÃO FICAR DOENTE”: DESIGUALDADES SOCIAIS E CUIDADO EM SAÚDE ENTRE HOMENS JOVENS PERIFÉRICOS NO RIO DE JANEIRO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	125
Lucas Tramontano / Marcos Nascimento	

REPRESENTAÇÕES E ARRANJOS FAMILIARES: INFERÊNCIAS A PARTIR DA PESQUISA-AÇÃO E A DECOLONIALIDADE..... 161
Marcio Caetano / Paulo Melgaço da Silva Junior

NOS APRENDIZADOS DAS ENCRUZILHADAS INTERSECCIONAIS ...187
Conrado Neves Sathler / Esmael Alves de Oliveira

PARTE III - EDUCAÇÃO

O NEAB/UFGD E O COMBATE ÀS DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS NA UFGD: A EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR PESQUISADOR BRANCO 213
Márcio Mucedula Aguiar

PERMANÊNCIA ESCOLAR DE ESTUDANTES NEGROS E NEGRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19..... 233
Soraide Isabel Ferreira / Candida Soares da Costa

A ATUAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (GEPRAFE)- PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA: DESAFIOS E NOVAS PERSPECTIVAS DE DIÁLOGOS NA PANDEMIA..... 261
Aline Anjos da Rosa / Atila Maria do Nascimento Corrêa / Eugenia Portela de Siqueira Marques

SOBRE AS PESSOAS AUTORAS 283

PREFÁCIO

Profa. Dra. Suely Aldir Messeder
Professora Titular da Universidade Estadual da Bahia (Uneb)
Coordenadora do Doutorado Multi-Institucional e
Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (Uneb)
Professora do Mestrado em Crítica Cultural (Uneb)
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Enlace (Uneb)

Adentrar na ambiência de um livro e escrever sobre seu conteúdo é mais do que um exercício intelectual – é mergulhar em uma intimidade já estabelecida com os autores e autoras. E com suas escritas. Esse vínculo se dá naturalmente, como se estivesse presente desde o início. Pelo menos, essa sempre foi a minha percepção ao escrever um prefácio. No entanto, fui surpreendida por um dos organizadores, Esmael Alves Oliveira, que me convidou para essa jornada. Tal convite, para mim, representou uma quebra de conduta, no melhor dos sentidos. No embalo desse movimento, movida pela curiosidade, perguntei a ele o motivo do convite. E, num gesto de reciprocidade, sugeri uma conversa com ele e Claudia Cristina Ferreira Carvalho, organizadores do livro.

Essa intimidade, aliás, encontra eco no espírito do livro *Diálogos Insurgentes Decoloniais Fronteiriços e Afrocentrados: Direitos, Sociedade & Educação*, que propõe uma ruptura radical com as narrativas tradicionais e universalizantes que historicamente marcaram a produção de saberes. Saberes esses que, muitas ve-

zes, relegam ao esquecimento, ou, mesmo, à negação, das vozes decoloniais, afrocentradas e fronteiriças. Como é pontuado na introdução, o livro mergulha em uma análise crítica das desigualdades estruturais que permeiam o acesso à educação pública, e à maneira como a diversidade nas salas de aula foi ampliada por políticas de cotas e pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu). No entanto, mais do que ampliar a presença de corpos e histórias plurais, os autores deste volume propõem uma nova territorialidade pedagógica. Uma territorialidade em que a interseccionalidade de raça, classe, gênero e as múltiplas vivências sociais se convertem em alicerces para a construção de um espaço educacional verdadeiramente inclusivo.

Dividido em três partes principais – *Direitos, Sociedade e Educação* –, o livro traça um percurso crítico e profundo das questões que atravessam as margens das vivências humanas em contextos coloniais e pós-coloniais. Na primeira parte, *Direitos*, os capítulos problematizam o racismo, que opera não apenas como um dispositivo social, mas como uma tecnologia que molda tanto ontologias quanto epistemologias. Os autores questionam como essas tecnologias racistas se reproduzem no cotidiano das sociedades coloniais, e como a pandemia de Covid-19 trouxe à tona, de maneira mais explícita, as desigualdades já enraizadas. Outro aspecto fundamental tratado nessa parte é a militância política das mulheres negras, que surge não como uma resposta reativa, mas como um movimento ativo de resistência e proposição de novos mundos possíveis.

A segunda parte, *Sociedade*, aprofunda-se nas relações sociais marcadas pela decolonialidade e pela necessidade de (re)imaginar nossas formas de convivência. Essa seção, particularmente intensa, reflete sobre as trajetórias de vida de travestis negras e as implicações da precariedade e marginalização que as afetam. Além

disso, são discutidos os impactos das desigualdades no sistema de saúde, sobretudo, no contexto pandêmico, com destaque para a saúde de homens jovens periféricos no Rio de Janeiro. Esses relatos não são apenas dados e estatísticas, mas histórias vivas que ecoam as desigualdades estruturais e a urgência de uma transformação social que seja, ao mesmo tempo, local e global.

A terceira e última parte, *Educação*, volta-se para a centralidade das instituições educacionais como espaços de disputa, transformação e resistência. Aqui, os autores colocam em evidência o papel do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) da UFGD e sua atuação nas desigualdades étnico-raciais. A permanência dos estudantes negros e indígenas nas universidades, especialmente em tempos de pandemia, é abordada com a sensibilidade de quem vive essa realidade e conhece de perto os desafios enfrentados. Nessa parte, há também reflexões sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas que emergem como alternativas diante de um sistema que ainda perpetua as lógicas coloniais. A educação, como se observa aqui, não é neutra; é, antes, um campo de disputas, no qual o ensino e a aprendizagem são práticas políticas.

Ao me aprofundar nesses textos, percebi uma característica fundamental que sempre guiou minha atuação acadêmica: sou movida pelos afetos. Pela transparência. Pelo desejo de uma ciência que tenha uma cadência viva, ritmada pelo pulsar das histórias humanas, e não apenas pelas frias engrenagens das relações objetivas que costumam reger o fazer científico. Muitas vezes, reproduzimos uma forma de ciência que nos pede não só o distanciamento dos objetos de pesquisa – para alcançar a tão almejada objetividade –, mas também o distanciamento dos afetos, sejam eles positivos ou negativos.

Esse sentimento ressoou profundamente ao ler o livro, pois é exatamente essa desconstrução das narrativas tradicionais que

Oliveira & Carvalho me provocaram a refletir. A ideia de escrita encarnada, desenvolvida pelo Grupo Enlace, que valoriza o pulsante da vida na ciência, dialoga diretamente com a escrevivência de Conceição Evaristo. Para Evaristo, escrever é um ato de resistência. Sua escrita não é apenas um exercício literário, mas um testemunho da vida vivida. Assim também, este livro não apenas traz teorias descoladas da realidade, mas propõe uma escrita encarnada, que valoriza o pulsar da existência, o sentir, o viver. É uma ciência encarnada, visceral, onde o pessoal e o coletivo se entrelaçam.

Essa escrita encarnada e vivida é o que embasa os textos deste livro – não apenas uma teoria distante, mas uma prática pulsante de vida. O livro revela que as vozes decoloniais e afrocentradas aqui presentes não buscam apenas falar sobre a realidade, mas transformá-la. E essa transformação só será possível se formos capazes de reconhecer a importância de uma ciência afetada, em que os afetos não são vistos como fraqueza, mas como força vital para a mudança.

Digo isso para expressar a forma como enxerguei os textos deste livro: com uma lente visceral, de tudo o que li e do que carrego. Esta breve apresentação foi escrita numa manhã de domingo, em setembro. E, enquanto escrevia, uma música veio à minha mente. Era uma canção da minha tenra infância, dos idos de 1973, interpretada por uma cantora branca e loira, Vanusa. Hoje, quase 50 anos depois, essa mesma canção foi regravada por uma cantora trans e negra, Liniker, refletindo as transformações que vivemos. Assim como essa canção foi ressignificada, o livro nos convida a ressignificar nossas próprias narrativas. A cada página, somos provocados a desconstruir o velho e a abrir espaço para o novo – um novo que não é só acadêmico, mas profundamente humano.

Assim como a música me transportou para outra era, a leitura deste livro me leva para um futuro possível. Um futuro no qual ciência, sociedade e educação caminham de mãos dadas com a justiça social, a equidade e a valorização das vidas que, por tanto tempo, foram invisibilizadas.

docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI, no campus Teresina - Zona Sul. Tem experiência nos Estudos de Gênero, Subjetividades, Educação e em Educação Física.

D *Diálogos Insurgentes Decoloniais, Fronteiriços e Afrocentrados: Direitos, Sociedade & Educação*, propõe uma ruptura radical com as narrativas tradicionais e universalizantes que historicamente marcaram a produção de saberes. Saberes esses que, muitas vezes, relegam ao esquecimento, ou, mesmo, à negação, das vozes decoloniais, afrocentradas e fronteiriças. O livro mergulha em uma análise crítica das desigualdades estruturais que permeiam o acesso à educação pública, e à maneira como a diversidade nas salas de aula foi ampliada por políticas de cotas e pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Mais do que ampliar a presença de corpos e histórias plurais, os autores deste volume propõem uma nova territorialidade pedagógica. Uma territorialidade em que a interseccionalidade de raça, classe, gênero e as múltiplas vivências sociais se convertem em alicerces para a construção de um espaço educacional verdadeiramente inclusivo.

Profa. Dra. Suely Messeder - UNEB.

